

Os “corpos remodelados”: Olhares sociais acerca do eu travesti e suas representações¹

André Vianna MARICATO²
Augusto Francisco Ferreira NETO³
Felipe de Souza MATA⁴
Gustavo Henrique Souza ASSIS⁵
Pablo Moreno Fernandes VIANA⁶

Pontifícia Universidade Católica de Minas, Belo Horizonte, MG

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender o cotidiano e a vivência de travestis para pensar um modo humanístico de representação. Determina-se como diretriz para responder a questão: averiguar as representações midiáticas das travestis, analisando os aspectos comunicacionais enquanto construtores da realidade, desdobrados em identidade, corpo e gênero. Para tanto, define-se como objeto de estudo as travestis da Região Sudeste do país, especificamente em dois estados: Rio de Janeiro e Minas Gerais. O trabalho recorre à pesquisa bibliográfica nas obras de Amaral, Boni, Bordo, Domingos, Filho, Foucault, Guattari, Jeudy, Leite Jr., Quaresma e Santaella e, entrevistas em profundidade através do método de História de Vida do tipo Tópica.

PALAVRAS-CHAVE: travesti; identidade; gênero; corpo; comunicação.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma vertente da pesquisa que será apresentada como trabalho de conclusão do curso de Publicidade e Propaganda. O propósito da pesquisa é analisar os aspectos que circulam as noções de representações, identidade e a subjetividade dos corpos das travestis sob a ótica da comunicação. A ideia surge da necessidade de adentrar universos não explorados pela graduação e, a partir disso, tratar academicamente de assuntos que não têm suas áreas de pesquisa consolidadas. Através

¹ Trabalho apresentado na IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da PUC Minas, e-mail: andrevmaricato@gmail.com

³ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da PUC Minas, e-mail: augustoferr7@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da PUC Minas, e-mail: felipesmata@yahoo.com.br

⁵ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da PUC Minas, e-mail: ghsassis@hotmail.com

⁶ Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Comunicação Social da PUC Minas, e-mail: pablomoreno@gmail.com

de entrevistas são analisadas particularidades e impressões sobre a maneira como são representadas, evidenciando a vivência travesti, a fim de construir a narrativa teórica sob as perspectivas do corpo atuante dentre as circunstâncias sociais e sua construção de significado.

Justifica-se este trabalho na maneira como o conjunto de indivíduos é pré-estabelecido e na ótica social sob determinado grupo segmentado, em uma rede de cooperação e trocas simbólicas que hipoteticamente estabelecem uma ordem social, visando elementos fundamentais para o funcionamento de uma sociedade que segue em busca de um bem-estar. Para isso, torna-se necessário imergir no universo travesti, na intenção de evidenciar princípios propostos por uma sociedade que amplie a possibilidade de diálogo com a diversidade, num processo de conquista de valores e respeito.

Também é propósito do trabalho analisar as vivências e particularidades das travestis, evidenciando por meio de narrativas, um conjunto de atribuições e significados dados constantemente pela mídia, pelos quais os espectadores são atingidos.

PERSONIFICAÇÃO DE SUBJETIVIDADES: A REPRESENTAÇÃO DOS CORPOS NA VIVÊNCIA TRAVESTI

A estética dos produtos gerados pela mídia, em sua construção narrativa e figurativa, proporciona ao público uma relação de familiaridade com determinadas características que compõem a história. Assim, a linguagem admitida nas produções faz com que elementos simbólicos estejam agregados em figuras ali representadas. O espectador absorve, não só o sentido convencional da mensagem, mas todo conjunto proposto pela obra, que resulta no estímulo da memória, num processo de associações entre personagem, cenário, explícito e implícito.

Dentro desta análise, é necessário atenuar-se a representação, aproximada do termo “substituição”, apontado por FILHO (2005, p. 27) como “alguma coisa que ocupa o lugar de outra”, observando que modelos pré-definidos copiam determinados eventos. Por exemplo, numa perspectiva semiótica, uma fotografia ou produto audiovisual,

mesmo comprometido com determinados fatos reais, atravessa a ótica de um novo sujeito, imerso dentro de um novo contexto.

A ideia de “substituição” (alguma coisa que ocupa o lugar de outra) está implícita na ideia de representação. É o que se supõe, por exemplo, quando consideramos que uma fotografia “representa” uma pessoa, ou que uma palavra “representa” uma determinada ideia ou ação. Toda representação supõe, além de um sujeito que a “constrói”, um objeto por ela representado, um modelo que ela busca “copiar” – a ideia de cópia está, assim, assimilada à ideia de representação. (FILHO, 2005, p. 26)

À vista disso, como perspectiva da convencionalidade, compreender aquele que representa determinado personagem, em sua forma primária, apenas de substituição e não de interpretação, compreendida como a subjetividade do papel do ator, já elimina diversos fatores fundamentais para identificar conceitos e características subjetivas envolvidas no enredo. Ou seja, a fidelidade com os fatos reais e a representatividade da personagem ultrapassa a concepção de substituir um sujeito, para entender como este representa determinado grupo ou ideologia.

O objeto apresentado na tela, trazendo a perspectiva para os meios de comunicação inicialmente cumpre com seu fundamento básico de representar algo e, portanto, naturalmente se enquadra como emissor da mensagem virtualizada. O processo de construção dessa mensagem, passa pela ótica de indivíduos distantes das minuciosidades daquele evento. Assim, garante papel de representante ao ator, para algo desprendido do real. Seu papel, a partir daí, é buscar mediar conceitos, para cumprir com a proposta de apresentar grupos e seus significados por meio da narrativa.

Como um dos principais determinantes e emissores da mensagem – que transita entre seus interlocutores, traz sentido de forma física e ainda mais presente – o corpo atua como presença desmaterializada e virtual, a partir do momento que é absorvido pela linguagem da mídia. A virtualidade dos corpos, agora em movimento, torna-se a mais nova forma de expressão e de interação com conceitos e sentidos de novos personagens.

Ainda que a virtualização do corpo não confronte o real, como aponta Filho (2005), “o virtual é, certamente, desterritorialização, desprendimento do aqui e agora, e pode-se dizer que, com muita frequência, designa “o que não está presente”.” (FILHO,

2005, p. 55). A personagem assume caráter representativo, desde a primeira aparição, no momento em que o corpo atua como parte daquilo que porta significado.

A reivindicação da identidade mantém, assim como notado por Pierre Jeudy (2002), a percepção do corpo humano no cotidiano como uma verdadeira experiência estética. Ao passo que cria uma dualidade artística contrapondo a homogeneização cultural, exalta a força de um padrão de identificação. Dessa forma, a reivindicação de identidade é construída por meio de estereótipos comuns.

Para uma melhor compreensão desta dualidade, o autor apresenta como exemplo a vida íntima de um amante apaixonado que, com intuito de manter um padrão estético idealizado, tem gestos obsessivos sobre seu parceiro.

Alinha uma mecha do cabelo, opina na escolha das roupas, passa seu indicador sobre a testa para apagar a marca de uma inquietude... Trata o corpo de sua amante como um quadro jamais concluído, outorgando-se o poder de decidir quais retoques são necessários. (JEUDY, 2002, p. 13)

Assim sendo, o corpo, enquanto sujeito participante até então involuntário, contribui para exaltar um padrão de identificação em função da estética, assumindo um molde para representar as fantasias do outro. Tais afirmações levam a constituição física genuinamente como um objeto de arte, mas como observado por Jeudy (2002, p. 19), o corpo contrapõe está lógica, pois o objeto de arte caracteriza-se pelo fato de ser intocável após sua conclusão, pode até receber reparos, no entanto jamais é alterado.

Como observado por Santaella (2004, p. 65), desde o século passado, o corpo vem assumindo diferentes lugares na arte, deixando de ser uma mera representação, um simples conteúdo, para tornar-se um problema, dada a gama de desdobramentos sobre ele, aplicáveis nas mais diversas esferas e como notado por ela, entendido como algo vivo, vulnerável e não mais imutável dentro de padrões.

A crise do sujeito é entendida, ao passo que a autora narra a decadência do esquema conceitual da ciência moderna elaborada por Galileu e Descartes e endossada por Newton. Juntos, definiram a natureza como ordem determinada e previsível, mas que se apresentam contraditórios no momento que se relacionavam com a criatividade imprevisível do sistema vivo.

As artes cênicas, juntamente com outros campos de estudo, começaram a questionar as dimensões da corporeidade. Foucault e Deleuze foram grandes pensadores na redescoberta da natureza do corpo, em análise da arte como espaço de expressão e significado deste. Como dito anteriormente, a infinidade de desdobramentos do corpo o tornou um sistema de interações e conexões que, ao ser entendido como um sistema vivo, e como uma consequência do vivido, “tornou-se foco privilegiado para atividade constante de modificação e adaptação por meio da troca de informação com o ambiente circundante” (SANTAELLA, 2004, p. 66).

O corpo torna-se um objeto à medida que a pessoa passa a ser sujeito do objeto que representa. Tal representação, ao ser posta em voga, lembra à sociedade a força que as expressões têm. Como observado por Jeudy (2002, p. 13), o corpo é oferecido ao olho pelo prazer do espetáculo, e seus desdobramentos de beleza sugerem outra imagem referência.

No que diz respeito a direitos sociais, o corpo pertence a quem o detém – como um bem primário e irrevogável – porém, o sujeito o reformula, compara e idealiza enquanto manifestação individual. “O que preservamos então é a vontade de sermos ou não tomados como objeto, mas o fato de sê-lo, devemos reconhecer, é uma fonte de prazeres” (JEUDY, 2002, p. 14).

Ao entender o corpo como objeto que reflete e transmuta o seu entorno – a fim de caracterizá-lo dentro de um contexto intrinsecamente ligado à tecnologia, entende-se o processo de tornar a natureza artificial, ou no processo inverso, tornar artificial a natureza – como nas intervenções corporais. Esta prática é apresentada por Santaella (2002, p. 98) na qualidade de “corpo remodelado” – influência estética na superfície corporal.

A autora aborda o corpo transmutado pela tecnologia como “um novo modelo de sensibilidade, flexibilidade, inteligência e capacidades comunicativas” (SANTAELLA, idem), caracterizado nos campos da arte que não deixam de emergir das mais diversas formas. O corpo híbrido e conseqüentemente amplificado (particularmente no virtual), não se limita à aparência física. “Quando implica a presença remota de um corpo, ou simula essa presença, a arte está problematizando” (SANTAELLA, 2004, p. 77).

Guattari, (1992, p. 162), flui esta discussão ao dizer que é errado tratar o sujeito como uma “enunciação perfeitamente individuada”, pois ele é construído por partes da subjetividade coletiva. Como observado, esta discussão é tratada como mais uma imagem da subjetividade dentro do campo de estudo do corpo nas mídias. Tais imagens são, a partir do século XXI, plurais e instáveis, ou seja, passíveis das mais diversas formas de compreensão.

É possível observar este fator quando, por exemplo, somente um corpo fotografado, isto é, mesmo num vazio de elementos físicos constituintes de sentido (como cenário e figurino) não remetem a determinado evento ou época que contextualize aquela imagem. Ou seja, a imagem de um corpo sem interferências, porém, carregada de gestos expressivos e sentidos a serem explorados, trazem referências culturais intrínsecas que exercem na necessidade de cada “eu” para explorar e opinar sobre outros já imersos em suas representações.

O corpo (...) é um agente da cultura. (...) ele é uma poderosa forma simbólica, uma superfície na qual as normas centrais, as hierarquias e até os comprometimentos metafísicos de uma cultura são inscritos e assim reforçados através da linguagem corporal concreta. (...) uma imagem mental da morfologia corporal tem fornecido um esquema para o diagnóstico e/ou visão da vida social e política. (BORDO, 1997, p. 19)

Portanto, o corpo é parte de um conjunto de significados que dialoga com as ciências e colabora para compreensão de novas fragmentações do “eu”. Agora, o indivíduo detentor de uma essência cultural expressiva e restrita às suas íntimas particularidades, transcende a autenticidade do “eu” através da representatividade, como abordam Amaral e Domingos (2011, p. 1), para emergir no contexto social como reflexo: “Essa condição faz do corpo uma entidade em constante reconfiguração pela própria condição cultural permanecer instável quanto à identidade”.

Mesmo após a percepção desta pluralidade, as instituições sociais insistem e propagam a ideia do “eu” individual. As mídias, em sua maioria trabalham, para preservar este conceito criando ilusões e desejos especialmente através do corpo, sendo ele retificado, modelado, remodelado e fetichizado. Detêm desta forma, a forte aplicação sobre as experiências do indivíduo.

Nas mídias, suas aparições são levadas ao paroxismo. Como explicar essa onipresença? Para aqueles que estão refletindo sobre as novas formações culturais na era digital da comunicação em escala planetária, esse fenômeno pode ser em parte explicado pelas inquietações provocadas pelos processos de corporificação, descorporificação e recorporificação propiciados pelas tecnologias do virtual e pelas emergentes simbioses entre o corpo e as máquinas. (SANTAELLA, 2004, p. 2)

Na perspectiva contemporânea, a informação, assim como tudo aquilo que transita e se transforma, torna-se sob efeito das diversas fontes, algo ainda mais intertextual. Isto é, a partir do momento que o indivíduo se envolve com determinadas cargas culturais e contextos políticos, ele imerge em uma zona de conflitos e conceitos ainda mais profunda, que ultrapassa a singularidade da persona.

A personagem contemporânea passa pelas etapas da virtualidade e pela maneira substitutiva de compreender a representação como algo carregado de conflitos sociais pré-estabelecidos. Sua atuação reforça as faces da ideologia e da comunicação de massa, ainda mais subjetivo.

ENTREVISTAS: HISTÓRIA DE VIDA

As entrevistas completas trazem diversas narrativas de vida das pessoas entrevistadas. Destaca-se neste trabalho apenas os pontos cruciais para o desenvolvimento da identidade travesti, à medida que abordam fatos sobre o corpo e comunicação, obtendo através do roteiro de pesquisa, informações consequentes aos tópicos sobre: O início da formação de uma travesti/trans, referências permitidas pelo complexo social e meios de comunicação, trajetória pessoal e profissional (delimitado a partir das particularidades de cada entrevistada) e o aspecto marginal sob o termo travesti e os efeitos que diluem-se em meio a opinião pública. Sendo que perante as informações e experiências relatadas particularmente, de cada entrevista se obteve relatos repletos de semelhanças e diferenças sobre a temática proposta. É permitido ao trabalho absorver caráter ainda mais próximo da realidade das travestis, a fim de garantir a presença e experiência imersa no ambiente e perfil de cada pessoa.

Para essa pesquisa, a proposta de entrevistas realizadas foi a História de Vida do tipo Tópica, ou HV. Boni e Quaresma (2005) definem esse tipo de entrevista como

sendo “uma entrevista em profundidade na qual o pesquisador constantemente interage com o informante” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 73). No método de entrevista História de Vida do tipo tópica é possível que se direcione os relatos de vivências conforme interesse em determinadas questões ou problemas.

Dessa forma, foram feitas entrevistas com oito travestis, - que *a priori* se identificavam com o termo - de diferentes perfis, faixa etária e cidades da região sudeste, procurando suscitá-las através dos problemas levantados nessa pesquisa. As entrevistas foram realizadas entre janeiro e março de 2018. A idade das entrevistadas varia entre 28 e 62 anos, além desta, outras variáveis foram encontradas como as atividades relacionadas ao âmbito profissional, que envolvem desde trabalhos informais e atividades artísticas até prostituição, sendo a última predominante entre as entrevistadas. Destaca-se a grande importância deste tipo de entrevista, uma vez que “fornecem um material extremamente rico para análise. Neles se encontram o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual.” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 73).

UMA ANÁLISE ENTRE O EU TRAVESTI E SUAS REPRESENTAÇÕES

A partir das entrevistas, surge a necessidade de construir uma análise teórica relacionada com a vivência. Imerso na história de vida de cada entrevistada, é possível reaver semelhanças e diferenças nos relatos que fazem parte de um conjunto de significados que transitam entre o virtual e o real.

O primeiro enfrentamento que as entrevistadas apontam em relação ao convívio em sociedade é a personificação do corpo trans. Taxadas como anormais pela sociedade, as entrevistadas são categóricas ao dizer que “o corpo trans é um corpo político”. Foucault (2017) afirma que a sexualidade - neste caso a sexualidade embutida em corpos trans - é um dispositivo de poder. Para o autor, a sexualidade é um mecanismo potente e inato à medida que contorna o padrão pré-estabelecido socialmente. Como aponta Leite JR (2008), ao estabelecer a origem do termo travesti, o ser travesti não diz respeito mais ao indivíduo que “troca de roupas” como uma expressão de caráter íntimo. O termo inaugura uma nova categoria de indivíduo, todavia um indivíduo patologizado. O autor ainda afirma que a patologização da transexualidade é uma forma de restringir a liberdade corpórea de travestis e transexuais. Haja visto isso, a fala das entrevistadas diz respeito à luta pelo

reconhecimento de seus corpos como corpos sociais e políticos. Corpos que estão sujeitos a todos os sentimentos dos corpos dito normais (sendo que, como explicado anteriormente, os corpos remodelados, no corpo das travestis e das pessoas trans é tomado como uma anormalidade) e a todas as mesmas injúrias.

Como observado nas entrevistas a melhor forma de lutar pelos seus direitos é se manter sempre informadas politicamente, no sentido lato da palavra política. Neste contexto encontra-se atrizes, cantoras, empreendedoras e profissionais do sexo, que buscam através de suas individualidades a liberdade de identidade e, conseqüentemente o reconhecimento.

Para isso, surge a necessidade de refletir determinadas representações no papel virtual da mídia, em que se emite a mensagem e as impressões de determinado indivíduo carregado de argumentos, sob a perspectiva semiótica. Assim, nos deparamos com alguns apontamentos de Filho (2005), que traz para o desenvolvimento da pesquisa a importante discussão sobre o papel da representação diante da ideia de ocupação, possibilitando um paralelo às decorrentes apresentações de personagens trans e travestis no cinema, televisão, teatro e demais canais de comunicação. Diante das personagens que representam esses papéis nos veículos de comunicação, observamos as constantes ocupações por pessoas cisgênero e as poucas oportunidades para travestis e trans no mercado artístico representativo. É de comum acordo por todas entrevistadas, a importância e a idealização de pessoas trans e travestis nos papéis que dizem a respeito aos seus ideais de gênero, trazendo à tona as perspectivas da “liberdade artística”, o que reflete argumentos do papel do ator sob o personagem representado. Este não ocupa o lugar daquela personagem em determinada narrativa, mas representa, diante das formas artísticas de comunicação, determinada história e pessoas envolvidas.

Porém, ao deparar-se num mercado repleto de oportunidades de personagens trans e travestis disponíveis para atuações, em um mercado que não lhes absorve, ou ao menos as representa, observa-se que o veículo que busca representar algum grupo, não exerce na prática a responsabilidade social sob a ótica do dever ético de comunicar para massa.

Diante disso, é relacionado aos pontos citados anteriormente, as diversas atuações de atores e atrizes cisgênero sob o papel de uma personagens travesti. Este fator não se justifica pelo papel do artista, restringindo os papéis ao grupo representado, já que as

oportunidades inversas são quase nulas e não encontradas nos meios de comunicação (trans ou travestis fazendo papéis de pessoas cisgênero).

A ocupação do espaço nas mídias, no campo acadêmico ou apenas no seu direito atual mínimo de espaço social, apresenta-se como justificativa para o limite da liberdade artística e seus decorrentes resultados na comédia, levando a identidade travesti e trans para algo caricato, engraçado, em um espaço no qual tudo é válido, muitas vezes distorcendo a realidade e as dificuldades da prática cotidiana de uma pessoa do grupo.

Conseqüentemente, é apontado sobre a necessidade da jovem pessoa trans ou travesti de ter referências condizentes, referências que extrapolam os campos da arte, cinema e televisão e que estejam presentes também no cotidiano. Também se torna necessário que nestes canais existam representações para o grupo exercer e atingir possibilidades de atuação e perspectiva social. Pois dentro de uma análise da mensagem obtida dos meios, é possível identificar conceitos virtualizados perante o real e que distorcem a realidade, por mais que como aponta Filho (2005), “o virtual é, certamente, desterritorialização, desprendimento do aqui e agora, e pode-se dizer que, com muita frequência, designa ‘o que não está presente’”, os espaços vagos da mensagem diante da representação, muitas vezes são carregados de significados e estereótipos que influenciam na opinião popular e na formação de uma jovem travesti.

Dessa forma, identifica-se nas entrevistas feitas durante o trabalho a discrepância na relação de papéis direcionados a atores e atrizes cisgênero para atrizes travestis/trans, especificamente para papéis referentes a cada categoria de gênero. Por exemplo, dentre os poucos papéis referentes a pessoas travestis/trans, na sua grande maioria não são ocupados por pessoas do próprio segmento, e a partir do momento que surgem variados papéis de personagens cisgênero, estes são ocupados majoritariamente por pessoas do próprio segmento. Seguindo sob a ótica da discussão de representação e ocupação, torna-se um enfrentamento às diferentes oportunidades opostas a importância da presença travesti/trans para corroborar com a consolidação do grupo, a partir do momento que nesta ocupação de espaço a estrutura que media a informação torna-se um abrigo para maiores informações, referências e discussões sociais.

Outra característica que envolve a fala das travestis parte das vivências e semelhanças entre elas, quando, na maioria das entrevistadas, encontra-se o trabalho na

noite. Quando questionadas sobre a ausência de travestis no cotidiano social que envolve o período da manhã e da tarde, que seria a presença convencional seguindo as normas do mercado de trabalho e demais atividades que acontecem nos determinados horários, depara-se com um fluxo que aos poucos se transforma. É possível observar a presença de travestis, mesmo que pequena, em espaços antes não ocupados por elas, porém ainda é algo não consolidado, principalmente pelo fator abordado. A prostituição é predominante no período noturno e o preconceito ainda faz parte da conduta de grande parte da população.

É dessa maneira que nas diversas falas manifestam-se os aspectos marginais impostos, nas ruas, na noite, diante da violência e até mesmo no abandono. Especificamente em uma das falas, é declarado que a marginalidade veio em consequência do ato dos pais, que expulsaram uma das travestis entrevistadas, ainda aos 12 anos, pelas características femininas que faziam parte da sua identidade. Tornar-se marginalizada ou viver em uma ambiente marginal, neste caso, é consequência de um ato realizado por aqueles que a princípio tem o dever pelo zelo, pelo sustento e pela educação. A partir desses elementos observa-se a carência relacionada à instrução por parte dos responsáveis e uma mídia que, por tempos, reforça uma dinâmica no cenário cotidiano brasileiro, a presença de um corpo travesti/trans torna-se algo deslocado, por muitas vezes divergente dos princípios impostos pela “família tradicional”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concorda-se que o corpo, compreendido como um dos principais emissores da mensagem, transcende o viés de mera representação e assume um caráter de problemática, uma vez que compreende uma gama de desdobramentos sobre ele, aplicáveis nas mais diversas esferas. Dessa forma, a mensagem ultrapassa o sentido convencional proposto, resultando em um constante processo de formação da identidade - associação do objeto e seus elementos simbólicos, na produção de interpretantes.

Tais elementos, compreendidos agora dentro do campo da individualidade contemporânea, perpassam por uma série de modificações - “corpo remodelado” - como forma de expressão individual. Compreendendo a força que essas expressões possuem dentro da sociedade, pode-se reafirmar que o corpo é oferecido aos olhos pelo prazer do espetáculo. O fato de ser tomado como objeto torna-se uma fonte inesgotável de prazer

e, ciclicamente, sugere uma outra imagem de referência estética, que contribui para o intermitente processo de construção da subjetividade coletiva.

Tendo em vista tais proposições, é inegável perceber que a mídia ainda trabalha para manter a ideia do “eu” individual, criando desejos acerca de padrões únicos, estereótipos de identificação e a fetichização do corpo. No contexto contemporâneo do presente trabalho, a informação, como tudo aquilo que transita, torna-se plural e proveniente de diversas fontes, uma maximização das intertextualidades dentro de um grande processo.

Ademais, tratar o corpo travesti sob ótica estereotipada de um padrão único é errôneo, ao passo que sua própria perspectiva de emissão da mensagem está defasada. Os sentidos plurais dentro de uma grande rede de significados, transitam e transmutam incansavelmente. Essa periodicidade é o que garante a própria manutenção do sistema que em suma se apresenta como inovador. O corpo atuante garante ao ator o papel de representante de grupos e seus significados simbólicos através da narrativa, porém o mesmo deve se desdobrar ao conceito identitário, haja visto a criatividade imprevisível do sistema vivo. Tensionar com a luta por inserção nos espaços desses corpos remodelados que, ao entrar num espaço de visibilidade, ocupam a narrativa da própria representação, garantem também sua cidadania.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Muriel Emídio Pessoa do; DOMINGOS, Adenil Alfeu. **(Re)modelando o corpo midiático: relações de representação e teoria queer na contemporaneidade.** Anais do II Simpósio Gênero e Políticas Públicas. Universidade Estadual de Londrina, 2011.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a Entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais.** EM TESE - Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 nº1, 2005.

BORDO, Susan R. **O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault.** In: JAGGAR, Alison M., BORDO, Susan R. (orgs.) Gênero, Corpo, Conhecimento. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Ventos, 1997.



FILHO, Luiz Augusto Coimbra de Rezende. **Documentário e Virtualização:** Propostas para uma Microfísica da Prática Documentária. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade:** a vontade de saber. 5. ed. Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2017.

GUATTARI, Felix. **Caosmose:** um novo paradigma estético. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1992.

JEUDY, Henri - Pierre. **O corpo como objeto de arte.** São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

LEITE JR., Jorge. **Nossos Corpos Também Mudam:** Sexo, Gênero e a Invenção das Categorias Travesti e Transexual no Discurso Científico. Tese de doutorado em Ciências Sociais apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC – SP, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e comunicação - Sintoma da Cultura.** São Paulo: Paulus, 2004.